

LIDA DOS MISSIONÁRIOS COM OS SERTANEJOS, TRADUÇÃO DE TEXTO DO SÉCULO XVIII, EM LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA

Eduardo de Almeida Navarro (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo)¹

Revisão de **Emerson José Silveira da Costa**

Resumo

Na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, existe um precioso manuscrito anônimo, de número 569, intitulado *Vocabulário da Língua*, isto é, da língua geral amazônica do século XVIII, ainda inédito. Ele inclui, no final, alguns textos nunca antes traduzidos, alguns dos quais, em seu conjunto, intitulam-se “*Lida dos missionários com os sertanejos*”. Narram fatos ocorridos numa missão religiosa católica às margens de um rio amazônico.

No presente artigo, traduzimos os textos para o português, quando, então, revelam-se interessantes aspectos do dia-a-dia da vida missionária no século XVIII, entre os quais as relações hostis entre os padres e os traficantes de escravos e a cooptação dos próprios índios pelos traficantes.

Palavras-chave

escravização; missionários; Amazônia; língua-geral

Introdução

1

Professor titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, onde leciona Tupi Antigo e Língua Geral Amazônica. Autor de *Método Moderno de Tupi Antigo, A Língua do Brasil dos Primeiros Séculos*, Editora Global 2005 (3ª edição), do *Dicionário de Tupi Antigo – A Língua Indígena Clássica do Brasil* (Editora Global, 2013, entre outros trabalhos).

Na segunda década do século XVII começava a colonização portuguesa na Amazônia. Os luso-brasileiros deixavam, enfim, de habitar somente a costa leste e passavam a interiorizar sua presença no território brasileiro, iniciando atividades produtivas.

Mas, em qualquer situação de colonização de exploração, a escravidão era uma condição *sine qua non* do desenvolvimento das atividades econômicas e o índio das missões católicas, dado o seu treinamento para o trabalho sistemático, era muito valorizado pelo sistema agrário-exportador colonial.

Contudo, a escravização do indígena fora, muitas vezes, desde o século XVI, questionada por bulas papais e proibida por documentos régios. As missões católicas, principalmente as dos jesuítas, carmelitas, franciscanos e mercedários, arrebanhando e aldeando os índios, procuravam catequizá-los, evitando que fossem aprisionados pelas tropas de resgate que, então, subiam os rios amazônicos em busca de mão-de-obra para o trabalho nas fazendas e engenhos paraenses e maranhenses.

Com efeito, na primeira metade do século XVII, tais tropas de resgate eram a principal forma de recrutamento da mão-de-obra indígena. Segundo Monteiro (1992), “as tropas, devidamente licenciadas pelas autoridades régias, em teoria visavam a resgatar índios destinados a ser devorados por seus inimigos. Porém, poucas tropas observavam pontualmente a lei, tornando-se pretextos para a escravização e destruição de inúmeras tribos ao longo dos principais rios da Amazônia. Com o financiamento de comerciantes de Belém ou São Luís, que também se interessavam pelas *drogas do sertão*, sertanistas especializados organizavam frotilhas de canoas para penetrar os caudalosos rios da Amazônia”. Segundo Monteiro (ibidem), “o Governador Francisco Coelho de Carvalho, por exemplo, ganhou notoriedade enquanto próspero negociante de tapuias, enviados para as capitanias do Nordeste e até para as colônias espanholas”.

Os conflitos entre missionários e as tropas de resgate, financiadas pelos fazendeiros e donos de engenhos, chegaram, em alguns momentos, a tal intensidade que os missionários foram expulsos pelos colonos em 1661 do Estado do Maranhão. Em 1680, uma lei proibiu enfaticamente o cativo dos índios, o que levou o fazendeiro Manuel Beckman, em 1684, a depor o governador do Maranhão e a expulsar novamente os jesuítas.

Considerações iniciais sobre o texto “*Lida dos missionários com os sertanejos*”

O texto que ora apresentamos é raríssimo, o único conhecido a tratar, em língua geral amazônica do século XVIII, da escravização dos índios. Na verdade, narra diferentes episódios, situações diversas, mas todas referentes ao apresamento dos índios. Há, com efeito, no poema em análise, a narrativa de quatro acontecimentos distintos.

Numeramos os versos para melhor analisá-los.

Os seis primeiros versos dos textos em análise sugerem-nos que eles são de autoria de um visitador de uma ordem religiosa, um franciscano, conforme o que se depreende da leitura do próprio texto. Por estar o poema em língua geral, concluímos que o ano de redação do texto remonta a antes de 1758, quando Pombal, em seu Diretório, proibiu seu uso e ensino.

Vemos no verso 64 que o apresador de índios trazia papéis, provavelmente de administradores coloniais corruptos, que lhe davam autorização de escravizar índios. Mas o padre que o enfrentava disse-lhe não haver índios na aldeia (do verso 74 em diante). Tal deveria ser, com efeito, uma estratégia de defesa dos índios pelos missionários, isto é, fazê-los desaparecer nas matas nas situações de perigo. Mas os apresadores, cômicos das fraquezas dos índios, corrompem-nos com presentes, com bebida e fumo (vv. 105-113). A convivência de índios e até sua participação na escravização de seus companheiros fica evidenciada nos versos 120-135. Os outros três relatos vão no mesmo sentido do primeiro, mostrando os esforços de um missionário na defesa dos índios, a cooptação destes pelos brancos escravizadores etc.

Na tradução abaixo não acompanharemos a pontuação feita no texto em língua geral, por este estar escrito de forma bastante livre.

Tradução de “*Lida dos missionários com os sertanejos*”

(PRIMEIRO RELATO. Aqui, o franciscano que se expressa em primeira pessoa passa a narrar como traficantes de escravos chegaram ao aldeamento dirigido pelo Padre Francisco e levaram três índios escravizados, que se venderam em troca de vinho e de presentes.)

Cetà catù tàpe aicò	Muitas vezes estou nas aldeias	
Cecè aimociär aõáma	para fazer perquirições ² .	
Acuáb catú tapyýia recó,	Conheço bem o modo de ser dos tapuios;	
Acuàb abé ïangaturáma	conheço também suas virtudes.	
Aporomonghetà nhè nhè	Converso com muita gente;	5
Iepinhè abé aporomböé.	sempre também instruo o povo.	
Nouatár möabaipàra,	Não faltam os que causam dificuldades,	
Nouatár Caraibetà	não faltam brancos,	
Nouatár uataçára,	não faltam viajantes	
Taba rupí ogoatàgoatà:	que pelas aldeias ficam a perambular.	10
Caräíba, Tapyýia bé,	Os brancos e os tapuios	
Opabenhé ïabaetè.	São todos terríveis.	
Ygarupàpe ocýcramé	Assim que chegam ao porto,	
Coritéi Caraíba océm,	logo os brancos saem	
Paí róca recé omäé	e olham para a casa do padre.	15
Iäóba poranga ceacoén,	Suas belas roupas cheiram bem.	
Ità gapéma abé oberáb,	As espadas também brilham.	
Äé abé onhemokyryrymbáb.	Eles também são completamente calados.	
Vestia túrino, caçaca abé	Vêm também vestes e casacas	
Pabe veluto çüí goàra	todas de veludo.	20
Çapatù nhó mirí çabé,	Os sapatos somente são um pouco bolorentos;	
Äé noiocýb cerecoára,	não os limpam seus donos.	
Chapeo iapara oguereco,	Chapéus curvos eles têm;	
Ipòpe bastao mirí oico	nas suas mãos há pequenos bastões.	
Memémegué ogoatàgoatà,	Lentamente eles ficam a caminhar.	25

² O autor do texto parece ser o visitador da ordem religiosa responsável pelo aldeamento.

Äé abé meguémegué omäé,	Eles também olham devagar;	
Onheenga oimoparatã,	endurecem suas palavras,	
Noieciüáb potâr tuibäé;	não querendo parecer velhos.	
Tuibäé abé ygapýrpe oçó,	Os velhos também vão para perto das canoas	
Iirúmo abé cemirecò	e, com eles, suas esposas.	30
Aé ygárpe catú opytà,	Elas ficam nas canoas	
Ï irúnamo cemiauçuba,	e, com elas, seus escravos.	
Umambäé oimondyc tatá,	Estes acendem o fogo.	
Çupi äé guaimí pitúba,	Assim que as velhas se untam,	
Mirí mingaú oimonhang	fazem um pouco de mingau;	35
Äé cöyté oçääçääng.	eles, então, ficam a prová-lo.	
Paí robaké oçó potar uán	Para diante do padre já querem ir	
Aé Caräíba tuibäé,	aqueles brancos velhos.	
Ixüí Paí onhemoçainán,	Com eles também o padre se preocupa.	
Oikè çocapúpe cöyté,	Entra, então, em sua casa.	40
Cecè Caräíba oporandub,	A respeito dele os brancos perguntam.	
Pe Paí, éí, pemomorandub.	Dizem: <i>-Informem o seu padre.</i>	
Cunumietà Paí ocenöi;	Os meninos chamam o padre:	
Paï gui, éí, Caraibareté	<i>- Ó padre, dizem, os brancos</i>	
Nde róca robaké cecóu	<i>estão na frente de tua casa.</i>	45
Açò corí peié ixupé.	<i>-Vou já, digam a eles.</i>	
Paí äéreme putupáb,	O padre, então, fica preocupado;	
Caräíba recé noípociüáb	não está acostumado com brancos.	
Çóca çüí Paí cöyté ocem,	De sua casa o padre sai, então.	
Ceçagoariüá ogoerecò	Tem consigo seus óculos.	50
Baretó çapyà noguacem,	O paletó, enfim, não encontra.	

Petýma çüí cöytè oçãang,	Prova, então, do tabaco;	
Mbäe tetiruã oimöang.	imagina qualquer coisa.	
Okéna robaké oieciáb	Diante da porta aparece	
Pái Pacicù ceribäé,	o Padre Francisco.	55
Äé cetà Carãíba ocüab,	Ele conhece muitos brancos;	
Carãíba recè omäé	olha para os brancos.	
Carãíba äereme ëí ixupé;	Os brancos, então, dizem a ele:	
Catúpe ereicò Paí gué?	<i>-Estás bem, ó padre?</i>	
Xe catú iepé Senhor gué;	<i>-Eu estou bem de fato, ó senhor.</i>	60
Ndepe maiabé ereicó?	<i>Tu como estás?</i>	
Ixe nde nheenga rupí aicò;	<i>-Eu estou de acordo com tuas palavras.</i>	
Copapéra mirí arúr,	<i>Trouxe esta pequena carta;</i>	
Aipotar abà moçapyr.	<i>quero três índios.</i>	
Papéra Paí nopycyc potár.	O padre não quis pegar a carta.	65
Opauán ëí, Apyabetá;	Diz: <i>-Acabaram-se os índios.</i>	
Aipò Carãíba norobiàr;	Aquele homem branco não acredita;	
Paí çupè onhëengatã.	fala rispivamente ao padre.	
Ëí, có tába turuçú etè,	Diz: <i>-Esta aldeia é muito grande;</i>	
Nouatâr Apyàba reté.	<i>não faltam índios, absolutamente.</i>	70
Amombeú uán çupí catú,	<i>-Já contei a verdade,</i>	
Ëí Paí Pacicu ixupé,	disse o Padre Francisco a ele.	
Pabẽ cecói apecatú,	<i>-Todos estão longe,</i>	
Nabà cecòì Taba pupé,	<i>não há ninguém na aldeia.</i>	
Aipó nde pyá çüí erobiár,	<i>Crê nisso de coração.</i>	75
Nde ïocéc catu eimociuar.	<i>Por ti mesmo investiga-o.</i>	
Eré catù senhor Paí gué,	<i>-Dizes bem, ó senhor padre;</i>	

Nde recé eté aierobiár,	<i>em ti bem confio.</i>	
Nde ereimëeng potár ramé,	<i>Quando os quiseste vender</i>	
Cetà abé apyába erepapár;	<i>enumeraste muitos homens.</i>	80
Eimëeng ixébo cunumĩ goaçú	<i>Dá-me rapazes</i>	
Cöytè acekendáo xe jurù.	<i>e, então, fecho minha boca.</i>	
Noicóí, noicóí apyabetà,	<i>-Não há, não há índios;</i>	
Amombëu uán çupí catú,	<i>já contei a verdade.</i>	
Ereipotàrpe anheengatã?	<i>Queres que eu fale alto?</i>	85
Narecói cunumígoaçú;	<i>Não tenho rapazes,</i>	
Narecói abé tüübäé	<i>não tenho tampouco velhos.</i>	
Erobiár catu aipobäé.	<i>Acredita nisso.</i>	
Auiebéte, ëí Tüübäé,	<i>-Muito bem, disse o velho,</i>	
Aiporacár uán xe recó,	<i>já cumpri meu dever.</i>	90
Tupàna turuçù eté eté,	<i>Deus é muito grande;</i>	
Äé cori xe pytybö	<i>Ele me ajudará.</i>	
Naxendemopyäíb potár,	<i>Não quero zangar-te;</i>	
Xe ïoecéne catú aimocuár	<i>por mim mesmo investigarei.</i>	
Caräíba cöyté ygarpe oçó,	<i>O branco, então, foi para a canoa</i>	95
Míngau mirí öú aõáma,	<i>para comer um pouco de mingau.</i>	
Äépe ogoacem cemirecó,	<i>Ali encontrou sua esposa.</i>	
Ixupè öár agoeràna:	<i>Embarcou com ele,</i>	
Oména pyäibetè eté	<i>com seu marido irritado</i>	
Porque goemirecó oimöeté.	<i>porque sua esposa o respeita.</i>	100
Pytyneme ogoatágoatá	<i>De noite ficaram andando</i>	
Opabenhè taba rupí,	<i>por todas as aldeias.</i>	
Moçapýr abà oimonghetà,	<i>Conversaram com três índios,</i>	

Ixupè oimeeng caöi,	deram vinho para eles,	
Oimëeng abé cetà mbäé,	deram também muitas coisas,	105
Baieta, ruão, paneté.	baeta, ruão, panos ótimos.	
Ygára pupé öár iré,	Depois de embarcarem numa canoa	
Coritéitè oiepabóc,	logo partiram.	
Apyabetà recé omäé,	Olham para os índios,	
Petyma abé cöyté oimondóc,	também picam fumo, então.	110
Apyabetà oimöapycyc,	Satisfazem os índios.	
Caöi ixupé nití ocýc.	Vinho para eles não acaba.	
Paí Pacicù cöemramè	O padre Francisco, de manhã,	
Çocapú çüi eçapyà ocem,	de sua casa sai de repente,	
Ygarupába recè omäé,	olha para o porto,	115
Ygárayma rí i putucem	com a falta de uma canoa fica chocado.	
Oçó paném öimoáu	Foi chateado; enganaram-no.	
Äé recè ipyà turuçú.	Por causa disso seu coração ficou angustiado.	
Tubixába Paí pýri oçò	Um chefe vai para junto do padre	
Xe pyäíbeté Pai guè, éi,	e diz: <i>-Eu estou muito angustiado, ó padre.</i>	120
Caräíba poxi ogoeraçó	<i>O branco mau levou</i>	
Giràna ferrerù mirí;	<i>o pequeno ferreiro Girana;</i>	
Ogoeraçò abé sacrystão,	<i>levou também o sacristão</i>	
Ieporacaçárabé Bastião.	<i>e o pescador Bastião também.</i>	
Aipò Paí ocendù ramè,	Quando o padre ouviu isso	125
Nocendù iabé nungàra;	ficou como se não ouvisse;	
Onhemopotupàb eté,	preocupou-se muito,	
Ixüi ocanhém mirí ára;	faltou-lhe um pouco o ar.	
Ëí cöyté: xe porëauçúb,	Disse, então: <i>-Eu estou aflito.</i>	

Nde Tubixàba pitúba.	<i>Tu, um chefe ungido</i>	130
Ereicò çabëupór uçú,	<i>agiste como um grande bêbado.</i>	
Xe recé nití ereimociár,	<i>A mim não o avisaste,</i>	
Xe çuí abé nití erepouçú,	<i>de mim também não tiveste medo.</i>	
Nde recò nití ereiporacár,	<i>Teu dever não cumpriste.</i>	
Nde Tubixaba möanga,	<i>Supondo-se que tu és um cacique,</i>	135
Ouatàr indèbo poçanga.	<i>faltou a ti uma providência.</i>	
Aipobäé onhëengramè	<i>Quando falou isso,</i>	
Oiecüab catu çotínga,	<i>transpareceu bem sua indignação.</i>	
Pai Pacicù cecè omäé,	<i>O Padre Francisco olhou para ele</i>	
Öúr ěí amó abá tinga;	<i>e disse -Veio outro homem branco;</i>	140
Iuruparí çupí aroirõ,	<i>o diabo detesto, na verdade.</i>	
Caräiba çuí aiemirõ.	<i>Por causa do branco estou indignado.</i>	

(SEGUNDO RELATO. *Aqui o narrador conta como oito traficantes apareceram no aldeamento para escravizar índios. Depois de lhes dizer o padre que não havia homens que pudessem ser escravizados, eles passam a perambular pelo aldeamento e são procurados por três rapazes e por alguns adultos que disseram querer acompanhá-los. Combinam aqueles com os traficantes que estes deveriam chamá-los de madrugada, tocando uma buzina. No entanto, os índios resolvem fugir para suas capuabas na mata, dentro de suas próprias canoas. Ao tocarem a buzina, nenhum índio apareceu para partir com os traficantes. Estes vão, então, em busca de uns tapuios que pareciam conhecer, encontrando-os tarde da noite. Deram-lhes presentes para que eles fossem atrás daqueles índios na mata. Os cafetões vão e, ao trazerem os índios, que vinham com suas prendas nas mãos, o pagamento por sua escravização, são picados por formigas tocandiras. Os índios escravizados resolvem, então, fugir, levando todos os presentes ganhos dos cafetões, deixando cair, porém, um lenço, que os cafetões levam aos traficantes.*

Assim, neste segundo relato, vemos que os traficantes foram enganados pelos índios, que não se venderam para aqueles.)

Quatro abé ygaruçú oïecuáb,	Apareceram também quatro navios;	
Cecè catù Paí omäé,	para eles o padre olhou.	
Cecé abé Paí onheçobaçùb,	Por causa deles o padre fez cara feia,	145
Cecé abé iputupáb eté,	por causa deles também ele ficou muito preocupado.	
Oçó cöyté missa monhang,	Foi, então, celebrar a missa.	
Äé riré almoço oçång.	Depois disso, provou o almoço.	
Almoço miri öü riré,	Depois de comer um pouco o almoço,	
Oito Caraïba ogoacem	chegaram oito brancos	150
Tupã róca robaké,	diante da igreja.	
Ixupé oimëeng iandé cöem,	A ele deram bom dia.	
Çakicoèrabépabe oçó,	Todos iam em busca dele.	
Opópe abé papéra oicó.	Em suas mãos também havia um papel.	
Opacatù ogoapýc cöyté.	Todos se sentaram, então.	155
Pai roca robaké catú,	Bem diante da casa do padre	
Papéra oimëeng Paí çupé,	o papel deram ao padre.	
Paí äéreme oiepeju:	O padre, então, respirou fundo.	
Paperetà oimöacub Paí,	Os papéis fizeram o padre ficar febril;	
Cecé abé äé cyâi mirí.	por causa deles, também, ele suou um pouco.	160
Caräibetá çupé ëi Päi,	Para os brancos disse o padre:	
Opauán çupí Apyábetá,	<i>-Acabaram-se, na verdade, os homens.</i>	
Pegoatà cuab Taba rupi,	<i>Podeis andar pelas aldeias;</i>	
Peguacemne Cunhãetá;	<i>encontrareis mulheres.</i>	
Xe acanga çacý xe çüí,	<i>Minha cabeça dói.</i>	165

Tenhé umé peicò xe ri.	<i>Em vão vocês discutem comigo.</i>	
Aipobäé onhëengiré	Depois de falar isso,	
Paí apycába çuí opüàm,	o padre levantou-se da cadeira;	
Caräibetá cecè omäé,	os homens brancos para ele olharam;	
Opabenhè abé opüám;	todos também se levantaram.	170
Pepotárpe ipó amò mbäé?	<i>-Vocês desejam, por acaso, alguma outra coisa?</i>	
Oporandú Paí ixupé,	perguntou o padre a eles.	
Oropotár apyabetá,	<i>-Queremos homens;</i>	
Cecé aõáma orojúr iqué,	<i>por causa disso viemos aqui.</i>	
(Iabè onhëeng Caraïbetá.)	(Assim falaram os brancos.)	175
Noropotár amó mbäé,	<i>-Não queremos outra coisa,</i>	
Niti oroçò potàr paném	<i>não queremos ir em vão.</i>	
Apyàba corí orogoacem	<i>Homens hoje encontraremos.</i>	
Auiebéte, ěí Pái, pecoãí,	<i>-Muito bem, disse o padre, ide,</i>	
Pegoacemramè peraçó,	<i>quando os encontrardes, levai-os.</i>	180
Pe recène ipó oiemocerái,	<i>Por causa de vós certamente fugiram.</i>	
Napecuàb tapyýia recó;	<i>Não conheceis os hábitos dos tapuios.</i>	
Peremimotara rupi,	<i>Por favor,</i>	
Cöyté penhëengumè xe rí.	<i>não faleis comigo, enfim.</i>	
Carùc ypyramè catù	Logo no início da manhã	185
Caräibetà pýri oçò	para junto dos brancos foram	
Moçapýr cunumigoaçú,	três moços,	
Ïirúmo cacuáb mocõí nhó;	com eles poucos adultos ³ .	
Caräibetà oporepymëeng	Os brancos deram prendas;	

³ A estratégia do padre de fazer os índios fugirem para a mata quando da chegada de tropas de resgate falhava: alguns índios, cobiçosos de prendas, entregavam-se aos brancos.

Cetà mbäé ixupé oimëeng.	muitas coisas deram a eles.	190
Coritéi, ëi, iaçó potár,	Disseram: <i>-Logo queremos ir.</i>	
Pejor eçapyà ygàra pupè;	<i>Vinde logo para dentro da canoa.</i>	
Pe nhëenga corí ororobiár,	<i>-Nas vossas palavras acreditamos,</i>	
Ëí, cöyté apyabetà ixupé,	disseram, afinal, os índios para eles.	
Peiopy ucár mimbygoaçú,	<i>-Mandai tocar a buzina</i>	195
Äéreme noroicò pucú.	<i>e então não demoramos.</i>	
Pyçajeramè oiopy ucár	De madrugada mandaram tocar	
Caraibetà mimbygoaçú,	a buzina os brancos. ⁴	
Apyabetà cöytè oròàr	Os índios, então, embarcaram	
Ygàra miri pupè öürù,	dentro de pequenas canoas com seus cestos	200
Opabenhé abé ombäé,	e também com todas as suas coisas.	
Oçó copixápe cöyté.	Foram, então, para as capuabas.	
Niti oiecüàb apyabetá,	Não apareceram os índios;	
Ygáruçù pupè noçó.	para dentro do navio não foram.	
Ipyäíba caraibetá,	Os brancos irritaram-se:	205
Mocõi tapyýia rocupe oçó.	foram para a casa de dois tapuias;	
Äépe niti abà ogoaçem	ali ninguém encontraram ⁵ .	
Cöyté Caraibetà obacem.	Finalmente os brancos acharam (tais tapuias)	
Oiepè tápe erimbäé,	numa aldeia.	
Caräíba oporepymëéng	Os brancos deram prendas	210
Mocõi pyçaieramé;	às duas da madrugada.	
Çocapóra çupé onheeng	Falaram a um morador dela:	

⁴ A cooptação dos índios pelos brancos fazia-se, geralmente, a altas horas.

⁵ Os índios, em sua maior parte, boicotavam os traficantes de escravos, desaparecendo.

Ecoài çakicoéra catú	- <i>Vai atrás deles.</i>	
Aõa noicò aõáma pucú.	- <i>Eles não tardarão</i> ⁶ .	
Çakicoera Caftis oçó,	Os cafetões vão	215
Apyabetà cãà rupi,	atrás dos índios pela mata;	
Oporepycoéra aõa ogoeraçó,	eles levam suas prendas.	
Tocãkyra Caftis oiopi;	Tocandiras ⁷ picam os cafetões.	
Oiabáb mocõibé cõyté,	Fogem ambos, então.	
Ogoeraçó pabe mbäé	Levam todas as coisas;	220
Oiepé nhó panna omombór,	só um pano deitaram fora.	
Caftus teité äé opycýc,	Um cafetão, coitado, o pegou,	
Oçó ygárpe bé, éí, Senhor,	foi para a canoa de novo e disse: - <i>Senhor,</i>	
Tocãkýra ybýpe xe reitýc,	<i>as tocandiras no chão me derrubaram.</i>	
Cõyté Apyabetà oiegoacem,	<i>Então, os homens fugiram</i> ⁸ .	225
Có panna nhó ybýpe ogoacem.	Este pano somente no chão acharam.	
Caräiba ipyàibetè,	Os brancos ficam muito zangados;	
Nãbäé onhëengcüàb	nada sabem falar	
Aipobäé oçendúramè;	quando aquilo ouvem.	

(TERCEIRO RELATO. *Aqui vemos um traficante que foi enganado pelo padre que dirigia a missão. O padre finge vender-lhe um índio, depois de dizer que não havia deles à venda. O traficante queria comprar mais um, o que fez ainda de madrugada. Os dois índios que acompanhariam o traficante deveriam aparecer ao toque de sua buzina. Um deles, como já dissemos, estava industriado pelo padre e lhe era fiel. O outro*

⁶ Pela resposta do índio, vê-se que ele fora corrompido pelos traficantes.

⁷ *Tocandiras* são uma variedade de formiga (*Paraponera clavata*), comum na Amazônia, de coloração preta, e que atinge até 22mm de comprimento. De picada muito dolorosa, é capaz de produzir vômitos.

⁸ Lemos que formigas tocandiras picaram os que traficavam índios e os reféns fugiram, aproveitando-se disso.

índio havia-se vendido, realmente, ao traficante, mas foi denunciado (talvez por aquele que o padre industriara), que lhe contou o fato – vv. 245-246. O padre, então, para impedir que aquele índio, de nome Marçal, realmente partisse com o traficante, manda prendê-lo e toma o pagamento que o traficante havia dado por ele. Toma também o arcabuz que ele tinha recebido do traficante como prenda.

Ao toque da corneta, o índio infiel não pôde partir, pois estava preso. O traficante espera a manhã surgir e vai exigir que o padre lhe dê os índios e o seu arcabuz. O padre, então, mostra-lhe que o enganara: chama o índio que lhe era fiel e manda que ele se una àquele que havia resgatado, isto é, o índio Marçal, o qual manda açoitá-lo. Assim, o traficante foi enganado pelo padre e nenhum escravo levou do aldeamento.

Cöemramé oiecüáb	De manhã aparece (um branco)	230
Paí robaké catú	bem diante do padre.	
Apotár, ěí, apyábuçù	Diz: <i>-Quero adultos.</i>	
Có pytùna pupé, ěí ixupé,	<i>nesta noite, diz a ele.</i>	
Mocõì ereporepymëeng,	<i>Compras dois;</i>	
Ndèbo aõa çupi auié,	<i>eles, na verdade, te bastam.</i>	235
Amò çupè abápe aimëeng?	<i>-Quem vendo aos outros?</i>	
Ereiemurõ üán xe çüí,	<i>Não fiques com raiva de mim;</i>	
Narecói apyába, nem mirí.	<i>Não tenho índios, nem pequenos.</i>	
Oiepè caráíba çupé	Ao branco um único	
Paí apyába catú oimëeng;	índio ⁹ aldeado o padre vendeu.	240
Äebé pyçaieramé	Logo de madrugada	
Amò oporepymëeng,	comprou outro.	
Mocõì ogoeraçò potár,	Queria levar dois.	
Mocõìbè äéreme ouatár.	Ambos, então, não haviam chegado.	

⁹ Apesar da recusa inicial do padre em oferecer índios aos traficantes, ele cede um deles para enganá-los.

Oiepè abá Paí pýri oçó,	Um índio vai para junto do padre,	245
Aïpobäé recè oimomorandúb;	informa-o a respeito daquele.	
Apyàba recè Paí oicó	Pelo índio o padre age;	
Äé çupi oimomorëauçúb,	Na verdade, tem pena dele.	
Mondèpe cöyté oinongucár,	Numa prisão, então, manda colocá-lo;	
Cecè abè mirí opöár	nele também bate um pouco ¹⁰ .	250
Caraïba pyçaieramé	O branco, de madrugada,	
Mimby goaçu oiopý ucár,	manda tocar a corneta;	
Oiepabóc potar cöyté,	quer partir, finalmente.	
Äé ri apyàba ocenöi ucár,	Por isso, manda chamar os índios.	
Çupí catú oiopý tenhé,	Na verdade, tocou em vão:	255
Noçó cüiab ygàra pupé	não podia ir para dentro da canoa ¹¹ .	
Noiecüáb, mondépe oicó	Não apareceu; estava na prisão.	
Iporepycoéra Paí pópe abé,	Seu pagamento nas mãos do padre também.	
Paí cöyté ixüi opycyrö	O padre, então, tomou dele	
Arquibujo poxí eté,	o arcabuz muito terrível.	260
Cöemramè oieruré	De manhã pediu (o homem branco)	
Paí supé apyába, arquibujo abé.	ao padre os índios e o arcabuz ¹² .	
Paí äéramé ocenöi ucár	O padre, então, mandou chamar	
Apyába oimeegagoéra;	o índio que vendera ¹³ :	

¹⁰ Os traficantes amarraram o padre, mas este já tinha montado um plano que haveria de ser vitorioso.

¹¹ Isto é, os traficantes foram enganados, sendo que seus reféns estavam a salvo, protegidos pelo plano urdido pelo padre.

¹² Estes versos sugerem que os índios que frustraram os planos dos traficantes pediram ao padre reforços contra estes.

¹³ Isto é, aquele índio que o padre aceitara entregar aos traficantes para traí-los, a que fizemos referência na nota 8 (versos 240-241).

Xe räýra guí eiecëár	-Ó meu filho, <i>une-te</i>	265
Cöyr nde porepycoéra	<i>agora ao que resgataste.</i>	
Apotár ereputüü	<i>Quero que descanses.</i>	
Paý có caraíba nopöuçú.	O padre não temia esse homem branco.	
Çobaké Paí onupã ucár	Diante dele o padre mandou açoitar	
Apyába Marzal ceribäé	o índio de nome Marçal ¹⁴ .	270
Ëí caraíba çupé, epapár,	Disse ao branco: <i>-Conta (os açoites);</i>	
Äé ocepymëeng nde recé	<i>ele pagou por ti.</i> ¹⁵	
Eimböé amó ára pupé,	<i>Ensina-o outro dia!</i>	
Tenhé enhemöabaeté.	<i>Não te faças terrível.</i>	
Caräíba cöyté oçó paném	O homem branco, então, vai frustrado;	275
Nem oiepé abá ogoeraçó	nenhum índio levou.	
Aipobaé çupi ogoacém	Esse a verdade encontrou	
Porque noiporacár cecó	porque não cumpriu seu plano.	
Iabé catú Paí oïmböé	Assim o padre ensinou	
Äé Caraíba poxi eté	aquele homem branco muito mau.	280

(QUARTO RELATO. Vemos aqui o padre a se recusar a vender índios a um traficante. Alegando estar adoentado, entra em sua casa. O traficante de escravos oferece-lhe, então, um remédio, que o padre rejeita, desconfiando que o traficante queria envenená-lo. Este parte frustrado.)

Oiepé Caraíba erimbäé	Um homem branco, outrora,
Paí tucura robaké ocýc,	chegou diante do franciscano.

¹⁴ O padre manda castigar o índio Marçal porque colaborara com os traficantes.

¹⁵ Isto é, ele manda que o traficante calcule seu prejuízo, que conte quanto dinheiro perdeu com os presentes que fez o índio Marçal dar aos outros índios para compra-los.

Apyába ixupé oieruré;	Pediu índios a ele.	
Paí Caräíba noimöapycýc,	O padre não o satisfez.	
Paí cöyté ixupé ëí,	O padre, então, disse a ele:	285
Nacatúi aicó Senhor guí;	<i>-Não estou bem, ó senhor.</i>	
Caräíba ëí, eré Paí gué,	O homem branco disse: <i>-Tu dizes, ó padre.</i>	
Ëmëeng ixébo Apyába,	<i>Dá-me índios,</i>	
Iabé xe rory cüab eté,	<i>e tanto eu posso ficar feliz</i>	
Iabé abé nde Tupã rauçupaba,	<i>como também será um modo de tu amares a Deus.</i>	290
Ëí Paí háí, háí, Jesu guí,	Disse o padre: <i>-Ai, ai, ó Jesus,</i>	
Nde mäenduár xe rí.	<i>lembra-te de mim.</i>	
Äé caräíba teité	Aquele branco, coitado,	
Çupi catú ocanhecanhem,	na verdade ficou atônito.	
Niti pyry oieruré	Não pediu mais	295
Ocendú ramé Päí oçacem:	quando ouviu o padre gritar.	
Päí äéreme oputüü,	O padre então sossegou.	
Caräíba pyà turuçù.	A paciência do branco era grande.	
Cöytè iebyr oierurè	Finalmente, voltou a pedir	
Paí çupé oiepé Apyába,	ao padre um índio.	300
Paí iebyr ëí, Jesú gué;	O padre de novo disse: <i>-ó Jesus,</i>	
Xe pyà oicò xe iucaçába;	<i>meu coração é-me causa de morte.</i>	
Ëí ixupé, çacy xe pyà,	Disse-lhe: <i>-Dói-me o coração,</i>	
Tupã irúnamo epytà.	<i>fica com Deus.</i>	
Çocapupe cöyté Paí oiké	Em sua casa, então, o padre entrou,	305
Kyçába pupè onhenong;	estendeu-se em seu leito.	
Caräíba onhëeng ixupé;	O branco falou a ele:	
Erepotârpe xe nde poçanong?	<i>-Queres que eu te medique?</i>	

Arecò poçanga catú	<i>Tenho um bom remédio;</i>	
Ixuí tenhé eieguarú	<i>dele não tenhas nojo</i> ¹⁶ .	310
Inhêenga Paí noçobaixoár,	O padre não respondeu a suas palavras,	
Nocendù nungara oicó;	estava como quem não ouvira.	
Carãíba cöyté i pytubar,	O branco, então, cansou-se,	
Paí çüíabé oiemurõ;	ficou também com raiva do padre.	
Oçò äéreme ygàra cotý,	Foi, então, em direção à canoa,	315
Ocururùc pe rupi.	resmungando pelo caminho.	

Conclusões

Os textos que traduzimos acima são de um realismo impressionante. Neles vemos expressa toda a carga emocional que envolvia situações comuns na Amazônia até o século XIX, facilitadas pela pequena presença do Estado em regiões tão remotas do Brasil, que ficariam, por séculos, à mercê de interesses escusos dos poderes econômicos locais. A escravização dos índios, embora coibida em muitos momentos de nossa história colonial por documentos régios, embora proibida oficialmente, era, como vimos acima, praticada com a clara conivência da administração colonial que, corrompida pelo poder econômico dos fazendeiros e *droguistas do sertão*, permitia que isso acontecesse. Altos funcionários corruptos de Belém do Pará lavravam autorizações espúrias que tornavam os documentos reais ineficazes e a escravidão dos índios possível.

Um aspecto pouco divulgado dessas práticas criminosas frequentes na bacia amazônica era a conivência de índios com os traficantes de escravos, inclusive ajudando-os no aliciamento de seus companheiros, entregando-os em troca de presentes de pouco preço.

As situações de tensão vividas nos aldeamentos missionários da Amazônia ficam, nos textos acima apresentados, muito bem assinaladas. Tais situações poucas vezes foram retratadas com tanta nitidez. Daí a

¹⁶ Isto é, o traficante tinha a intenção de envenenar o padre, pretextando oferecer-lhe remédio para sua indisposição, ao que este recusa prontamente.

grande importância de tais textos para uma melhor compreensão de capítulos tão sombrios da história brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO, *Vocabulário da Língua*, manuscrito anônimo de número 569 da Biblioteca Nacional de Lisboa, Portugal.

ANÔNIMO, *Dicionário Portuguez, e Brasileiro*. Lisboa, Oficina Patriarcal, 1795 (edição fac-similar de Julius Platzmann)

ADORNO, R. (1992), “Los debates sobre la naturaleza del índio en el siglo XVI: textos y contextos”. *Revista de Estudios Hispánicos*, 19: 47-66.

FRANÇA, Ernesto Ferreira, *Chestomathia da Língua Brazílica*. Leipzig, F. A. Brochhaus, 1859.

LEITE, Serafim. (1938), *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa, Livraria Portugália; Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.

MONTEIRO, John. (1992), “O escravo índio, esse desconhecido”. *Índios no Brasil*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

_____. (2000), *Negros da Terra*. São Paulo, Companhia das Letras.

NAVARRO, Eduardo A., *Dicionário de Tupi Antigo, a Língua Indígena Clássica do Brasil*. São Paulo, Editora Global, 2013.